

"Brasília é vítima de pressões"

O discurso do presidente Sarney lido por Deni Schwartz é o seguinte:

"Tenho a honra de abrir aqui este simpósio de reflexão sobre o destino e os problemas urbanísticos e sociais de Brasília e das grandes cidades brasileiras, concebido pelo governador José Aparecido e organizado pelo professor Figueiredo Ferraz.

"Entre os grandes problemas do Brasil de hoje, desafios que Governo e sociedade têm que enfrentar unidos, a ocupação do espaço pelo homem sobressai, por ser tão gigantesco em suas tendências mais dramáticas: o desequilíbrio demográfico, a destruição da qualidade de vida, o custo desmesurado da administração urbana. A cidade brasileira hoje funciona como os "buracos negros" siderais: suga o universo à sua volta, acumula uma energia indomada e destruidora.

"Brasília, cidade de sonho e de esperança, representou, há um quarto de século, o lançamento de uma aventura exploradora, a comprovação de nossa capacidade de romper as tendências negativas e criar forças renovadoras. Com ela, na iniciativa de Juscelino Kubitschek, se deu o passo decisivo na ocupação do vazio demográfico que era o interior do Brasil, passo já tido como necessário pelos fundadores da Nação e hoje precisando ser complementado.

"Com ela, através de Lúcio Costa, também se rompeu, numa aventura poucas vezes repetida, a lenda de que a cidade inventada pelo homem não é adequada à vida social; o preconizado quanto à capacidade do homem de saber ordenar e qualificar o seu espaço. Brasília é um exemplo mundial de qualidade de vida, e os brasilienses não se acostumam em outras cidades. Com ela, pelas mãos de Oscar Niemeyer, pudemos retomar a criação da beleza que nossos antepassados haviam registrado em nossas cidades, de São Luís a Ouro Preto, marcando sua presença indelével na história da nossa cultura.

"Mas Brasília, hoje, como as outras cidades brasileiras, é vítima de pressões enormes, de problemas que se acumularam por seu crescimento muito maior que o previsível: hoje, com as cidades de seu entorno imediato, ela tem mais de três vezes os 500 mil habitantes previstos; pode alcançar, segundo dados da Organização das Nações Unidas, quatro milhões de habitantes no ano 2000.

"O gigantesco esforço de construir Brasília, obra de quem acreditava em nosso País e em nosso povo, visava a integração nacional, estimular o desenvolvimento de imensa e deserta área, criar uma região geoeconômica sólida, redistribuir regionalmente as riquezas do País, a até mesmo — razão de segurança da capital — fugir do vínculo histórico de atrelar o desenvolvimento ao litoral.

"O 'País de caranguejos', chegou a chamar o Brasil um historiador do século passado, pela ausência, até então, de es-

forço nacional integrado, coerente e permanente de penetração sócio-econômica do País.

"No entanto, somente parte daqueles objetivos foi alcançada.

"O desenvolvimento regional foi muito aquém do previsto, e juntou-se o drama urbano a um relativamente fraco desenvolvimento regional, repetição do que ocorria no resto do País.

"O Plano Piloto foi concebido para enquadrar-se em outro planejamento, o de área das cidades-satélites, e entorno de Brasília, mas, ao contrário, as cidades-satélites e a área do entorno foram deixadas ao apetite livre da explosão urbana. Não havendo cidades e áreas planejadas que protegessem e direcionassem o fluxo humano e o desenvolvimento, protegendo Brasília, ele foi feito tendo a cidade como pólo de superatração.

"Hoje é necessário criarem-se condições para que pelo menos o ritmo de crescimento desequilibrado seja atenuado, e que seja replanejada toda a área em que está o Distrito Federal para que muito em breve não tenhamos favelas invadindo o sonho de Dom Bosco.

"Há que equacionar os problemas, examinar as alternativas, e implementar as soluções. Mas os problemas de Brasília são um reflexo do problema maior do conjunto de cidades brasileiras.

"De 1940 a 1980 nossa população cresceu de 40 para 120 milhões. De 28 milhões para 38 milhões de habitantes no campo, e de 12 milhões para 80 milhões nas cidades: 500 por cento de aumento na população urbana. São números que mostram um crescimento muito acelerado. Mas não seriam tão graves se não correspondessem a fenômenos sócio-econômicos e culturais dramáticos: neste período de tão intenso crescimento urbano caiu de 41 por cento para 16 por cento a participação das cidades de menos de 10 mil habitantes na distribuição da população urbana. E a defasagem regional é de tal ordem que, embora as taxas de incremento anual das regiões Centro-Oeste e Norte sejam bem maiores que a média nacional, sua presença na população total passou, nestes 40 anos, de 6 por cento para ainda apenas 11 por cento. A concentração atrai cada vez mais concentração; quer nacional, quer regionalmente.

"O resultado prático é a degradação da qualidade de vida urbana. A pobreza e o abandono são substituídos, nas cidades, pela degradação do ser humano. Violentado na sua estrutura cultural, despreparado para as atividades produtivas dos setores secundários e terciários, marginalizado desde o primeiro instante, o migrante é a primeira vítima da armadilha perversa. Ele é a massa que alimenta a injustiça social, o caos urbano, a desorganização econômica.

E um dos compromissos da Nova República a busca da justiça Social. E a grande justiça social no Brasil passa pela solução do problema demográfico,

pelo problema da distribuição do homem e da civilização por nossas imensas terras.

"Teremos de ocupar os espaços vazios, humanizar os já ocupados. Resolver os problemas estruturais das grandes cidades. Enfrentar o problema da moradia saudável para todos. Fazer a reforma agrária, para reestruturar a produção agrícola, fixando o homem sadiamente em sua terra, dando-lhe o sonho, a perspectiva da construção do futuro com as próprias mãos.

"Essa ampla correção estrutural, feita talvez mais pela sociedade que pelo próprio Governo, passa também por um reenaminhamento das migrações: que elas se voltem para as novas fronteiras agrícolas, onde terra arada e produzindo, e não armas e cercas de arame, deve esperar os homens.

"Mas para isso tudo devemos ter esperança e devemos ter idéias claras. O País sabe que não quer se alojar doentiamente em apenas dois ou três pontos poluídos.

"Sabemos que queremos uma vida saudável, em paz com os bichos, com as plantas, e com nossos vizinhos. Com a natureza, porque o Brasil é a própria natureza. Com nossos vizinhos, porque somos pacíficos.

"Para termos isso, para construirmos o Brasil próspero e socialmente justo do futuro, o Brasil livre, rico e fraterno, temos de reforçar nossas pequenas e médias cidades.

"Cidades que sejam ainda intimamente ligadas ao campo, verdadeiras agrovilas; ainda muito voltadas para a produção agrícola; mas tendo eletricidade, boas estradas, educação, apoio sanitário, bancos, fábricas de beneficiamento dos alimentos.

"Na ocupação do espaço, o homem precisa agir com grande antecedência, definindo seus objetivos e seus caminhos. Ao se pensar no futuro de Brasília, analisando seu passado e seu presente, está-se pensando no futuro do Brasil. Brasília é, e continuará sendo, um símbolo de novos caminhos, de novas esperanças. Sonho e realidade que se abrirão para todos os brasileiros, na cidade e no campo, no Norte e no Sul, num Brasil melhor.

"O dr. Constantinos Doxiadis, o grande humanista e urbanista grego, afirmou que, entre a distopia — o mau lugar, o lugar que existe para todo lado — e a utopia — o lugar ideal, o lugar inexistente — devemos escolher a utopia — o lugar possível.

"Brasília é, e deve continuar a ser, e a ser cada vez mais, um destes lugares onde se harmonizam o sonho e a realidade. Brasília deve ser o modelo a ser seguido — não em sua solução urbanística e arquitetônica, atendendo tão especificamente às suas necessidades, mas em sua coragem de enfrentar preconceitos, em sua humanidade, em seu equilíbrio."